



Rev. Dr. Marcos Roberto Inhauser

Fone: (0XX19) 2121 5853 escrit. / 99798 6955 cel

www.inhauser.com.br / marcos@inhauser.com.br

www.pastoralia.com.br

TEXTO PUBLICADO NA COLUNA SEMANAL NO CORREIO POPULAR

LEI E CIDADE SECAS

Marcos Roberto Inhauser

Não sei quantas vezes vim aos Estados Unidos. Esta é a décima terceira vez depois que perdi a conta. A cada vez que venho encontra muita coisa igual, poucas novidades e um andar de carruagem de rei: protegido e sem saber o que acontece ao redor, como se o mundo fosse só o que eles vivem e conhecem.

Desta vez vim para a celebração dos trezentos anos da Church of the Brethren, uma das igrejas da paz. Depois do evento, fiquei hospedado em uma cidade litorânea em New Jersey, Atlantic City, que tem uma particularidade impensável para os padrões brasileiros: é uma cidade seca. Não se trata de não chover ou não ter água, mas onde é proibido vender bebida alcoólica. Também o é consumir em locais públicos, mesmo na praia se você a levar. Ela também não é vendida em bares e restaurantes.

Uma cidade de praia sem nenhuma bebida! Inimaginável.

Curioso com a novidade, perguntei aos moradores que me hospedavam, qual a reação da população e dos turistas à proibição. Disseram-me que era muito boa e que os turistas que sabiam da restrição. O fato de ser uma cidade seca aumentou a procura por parte de famílias, evitando assim estradas com possíveis bêbados aos volantes, jovens fazendo arruaças e engraçadinhos alcoolizados mexendo com esposas e filhas. Desde que a proibição foi estabelecida, o turismo aumentou e a média do aluguel para casas e hotéis também.

Quando sai do Brasil para esta viagem havia acabado de almoçar com um grupo de famílias onde a lei seca foi discutida por algum bom tempo e onde havia consenso de que se devia ter regras mais duras para o consumo e direção associados, mas havia divisão sobre a total abstinência como *conditio sine qua non* e os que defendiam flexibilidade para o consumo.

Pesquisas têm revelado que as mulheres são mais susceptíveis às transformações que o álcool pode provocar, mas também que elas estão menos envolvidas em acidentes por direção alcoolizada. Os mais jovens são os que têm abusado da associação entre volante e bebida. No caso da bebida alcoólica há o bafômetro e o exame de sangue.

Mas se sabe que não é só a bebida que causa problemas quando associada ao volante. E as drogas? Não é tão ou mais perigosa a pessoa que cheira e dirige, ou fuma uma erva e dirige? E como detectar tais riscos ao volante?

Há que inventar-se um “cocainômetro” ou um “ervômetro”. E quando a polícia me parar, terei que passar por um laboratório de exames clínicos para poder seguir adiante.